

Nivaldo T. Manzano

# ASSEMBLÉIA DOS BICHOS

Uma fábula sobre o Brasil  
e seu meio ambiente

Ilustrações:  
Moacir Rodrigues



TEXTONOVO

Emprego

Empresa Brasileira de Planejamento e  
Marketing de Assessoria e Consultoria



# República Federativa do Brasil

Presidente

*Fernando Henrique Cardoso*

## Ministério da Agricultura e do Abastecimento

Ministro

*Arlindo Porto Neto*

## Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

Presidente

*Alberto Duque Portugal*

Diretores

*Elza Angela Battaglia Brito da Cunha*

*Dante Daniel Giacomelli Scolari*

*José Roberto Rodrigues Peres*

# ASSEMBLÉIA DOS BICHOS

.....  
*Uma fábula  
sobre o Brasil  
e seu meio ambiente*

# ASSEMBLÉIA DOS BICHOS

*Uma fábula sobre o Brasil  
e seu meio ambiente*

© Embrapa - Serviço de Produção de Informação - SPI

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, no todo ou em parte, constitui violação do Copyright (Lei 5.988)

**CIP. Brasil. Catalogação na publicação**

**Embrapa - Serviço de Produção de Informação - SPI.**

Manzano, Nivaldo T.  
Assembléia dos Bichos. Uma fábula sobre o Brasil e seu meio ambiente / Nivaldo T. Manzano. - Brasília: Textonovo/Embrapa-SPI, 1997.  
72p.; il.  
ISBN 85.85734-13-2  
ISBN 85.85007-91-5  
1. Literatura infanto-juvenil. 2. Meio ambiente - Brasil. I. Título.  
CDD 809.89282

**ISBN TEXTONOVO: 85.85734-13-2**

**ISBN Embrapa: 85.85007-91-5**

*Assembléia dos Bichos é uma co-edição de:*



Textonovo Editora e Serviços Editoriais Ltda.  
Rua Pio XI, 1816-A  
CEP 05468-140 — São Paulo - SP  
Fone: (011) 831-2265

**Embrapa**

Serviço de Produção de Informação - SPI  
SAIN Parque Rural - Final da Av. W/3 Norte  
CEP 70770-901 — Brasília - DF  
Fone: (061) 348-4236

1ª edição

1ª impressão (1997): 3.000 exemplares

2ª impressão (1999): 10.000 exemplares

3ª impressão (2000): 1.000 exemplares

*Projeto*

Textonovo Editora e Serviços Editoriais Ltda.

*Produção editorial*

Embrapa - Serviço de Produção de Informação - SPI  
Textonovo Editora e Serviços Editoriais Ltda.

*Edição e consultoria pedagógica*

Gila Eiterberg Azevedo

*Texto final e revisão*

Maria Suzete Casellato

*Edição de arte*

Tania Ferreira de Abreu

*Capa e ilustrações*

Moacir Rodrigues Soares

*Coloração computadorizada*

Di Oliveira DCM

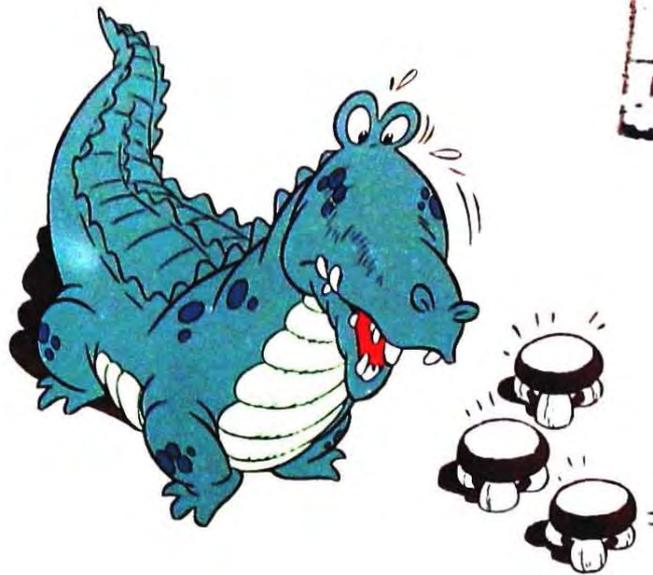
*Produção gráfica*

Embrapa - Serviço de Produção de Informação - SPI

Nivaldo T. Manzano

# ASSEMBLÉIA DOS BICHOS

*Uma fábula  
sobre o Brasil  
e seu meio ambiente*



Ilustrações:  
Moacir Rodrigues

  
TEXTONOVO

  
Embrapa



• A NOTÍCIA •

(Glup!) Essa não!

O medo tomou conta da floresta. O que estava acontecendo?



"Várias pesquisas indicam que 100 espécies animais e vegetais vão desaparecer por dia nos próximos 20 a 30 anos. O Brasil é um dos países que mais pode perder!"

Era razão de sobra para ficar com medo. Afinal, quem tem mais, perde mais: duas em cada três espécies de plantas existentes no planeta Terra estão no Brasil. Em lugar nenhum do mundo há tantos pássaros, peixes e bichos como aqui.

CIENTISTAS ALERTAM  
PARA DESTRUIÇÃO



E o alvoroço foi tanto que os animais decidiram se reunir em assembléia na floresta para discutir o assunto e as providências a serem tomadas.

Os coelhos, os macacos e os pássaros foram os encarregados de avisar a hora e o local da assembléia. A onça prometeu não jantar ninguém no dia da reunião — era um dia de trégua.



Na grande roda que se formou havia lugar para todos. Mas, para tristeza geral, alguns lugares ficaram vazios: faltavam os representantes dos animais ameaçados de extinção como o tatu-canastra, o mico-leão-dourado, o pirarucu, a ariranha, a arara-azul, o tamanduá-bandeira... Eles já eram tão poucos, que ninguém conseguiu encontrá-los e avisá-los da reunião.







## • A ASSEMBLÉIA •

**T**odos reunidos, iniciou-se a discussão. Assustado com o grande número de ausentes, o jacaré olhou para os lugares vazios e foi logo dizendo:

Qual será o próximo a desaparecer?

Vira essa boca pra lá!

Isso não interessa agora!  
Estamos todos ameaçados!

O homem? Não mandou representante?

Estamos aqui! Ficamos sabendo da reunião e viemos participar...  
Muitas pessoas estão preocupadas com essa história de que os bichos podem desaparecer!



ONÇA: — Vamos pôr ordem na casa. A ameaça é geral. A extinção de uma única espécie, de planta ou animal, pode pôr em risco a vida de todos nós. Dependemos uns dos outros pra viver. Por isso, não vamos discutir aqui quem será o próximo.

CARAMUJO: — Não existe vida inútil, por mais preguiça que seja, ou melhor, que tenha.

PREGUIÇA: — Sem provocações, por favor! Hoje é dia de trégua entre nós.

COBRA: — O amigo Caramujo tem razão. Até eu sou útil. Sei que muitos não gostam de mim, mas o meu veneno pode salvar vidas humanas. A partir dele se faz um remédio para o coração.

TAMANDUÁ: — Se essa tal extinção acontecer, como é que eu vou me alimentar sem as formigas?

SAPO: — Que será de mim, se não puder mais comer os grilos?



E de mim,  
se não puder mais  
engolir sapos?

MENINO: Puxa! Isto está  
parecendo uma guerra!

Dizem que isso  
é a lei do mais forte!

Na natureza existem seres que produzem seu próprio alimento, como as plantas, e outros que dependem delas para viver. E também as plantas, para produzir, dependem dos animais. O pé de maracujá, por exemplo, não dá frutos sem a ajuda da mamangava, uma abelha que poliniza suas flores. A minhoca, que fura e afofa a terra, colabora no desenvolvimento das raízes das plantas.





Eu preciso comer pelo menos  
20 plantinhas por dia!

E um pássaro como eu  
precisa comer 300  
insetos por dia!

BURRO: — Então, está explicado! Cada espécie precisa da outra pra viver.

URUBU: — Eu recolho o lixo e removo o mau cheiro dos animais mortos. Assim, todos podem sentir o perfume das flores.

ANTA: — A terra precisa das árvores, que com suas raízes retêm a água da chuva. Quando estão sujas, as águas precisam de plantas como o aguapé pra ficarem limpas outra vez.

**DOURADO:** — Quando um peixe como eu desova, deixa nos rios mais de 100 mil peixinhos. Se todos chegassem à idade adulta, não haveria lugar para tanto peixe.

**PACU:** — Já fiz os cálculos. Não haveria lugar nem mesmo no Brasil, o país que mais tem rios.

**DOURADO:** — É por isso que me alimento de filhotes de pacu e de outros peixes.

**MENINA:** — Acho que entendi. Assim, existe lugar tanto para os pacus quanto para os dourados.

**BURRO:** — Como se vê, cada espécie controla o crescimento da outra e há sempre lugar pra todo mundo.



Minha terra tem palmeiras...

Nossos bosques têm mais flores...

Nossa vida mais amores!



MENINO: — Então, na verdade, não existe guerra nenhuma.

FORMIGA: — Isso mesmo, tudo está em equilíbrio. As formigas não acabam com a floresta, nem a floresta com as formigas. Já pensaram nisso?

PACA: — Eu já vi um bosque de eucaliptos devastado por formigas!

FORMIGA: — Mas aí existe a mão do homem. É a tal da monocultura. Com a mania de simplificar tudo, o homem planta uma única espécie no lugar onde antes havia centenas ou milhares delas. Aí vem o desequilíbrio, o desastre. Quando atacamos o eucalipto, estamos querendo dizer que a vida nesse bosque está desequilibrada.





TATU: — Quando passo por uma plantação de tomates, o que mais me intriga é não ver por ali nenhum pássaro voando atrás de algum inseto. Só vejo tomates. Acho tudo tão estranho...

MENINA: — Mas por que o homem faz isso?

MACACO: — Sei lá. Acho que é pra ganhar dinheiro. Não que o homem não seja capaz de criar coisas maravilhosas. A história do tomate é um bom exemplo. No começo, era uma frutinha de aparência insignificante, que só existia no Peru. Mais tarde, os agricultores o transformaram num fruto maior, carnudo, suculento e saboroso.

SABIÁ: — Só que os agrotóxicos que eles usam no combate aos insetos da lavoura envenenam também os pássaros que comem esses insetos. Ficam os tomates, mas acabam os passarinhos, por comerem insetos envenenados.



MENINO: — Essa não! Como vou continuar gostando de tomate se os passarinhos desaparecerem por causa dele?

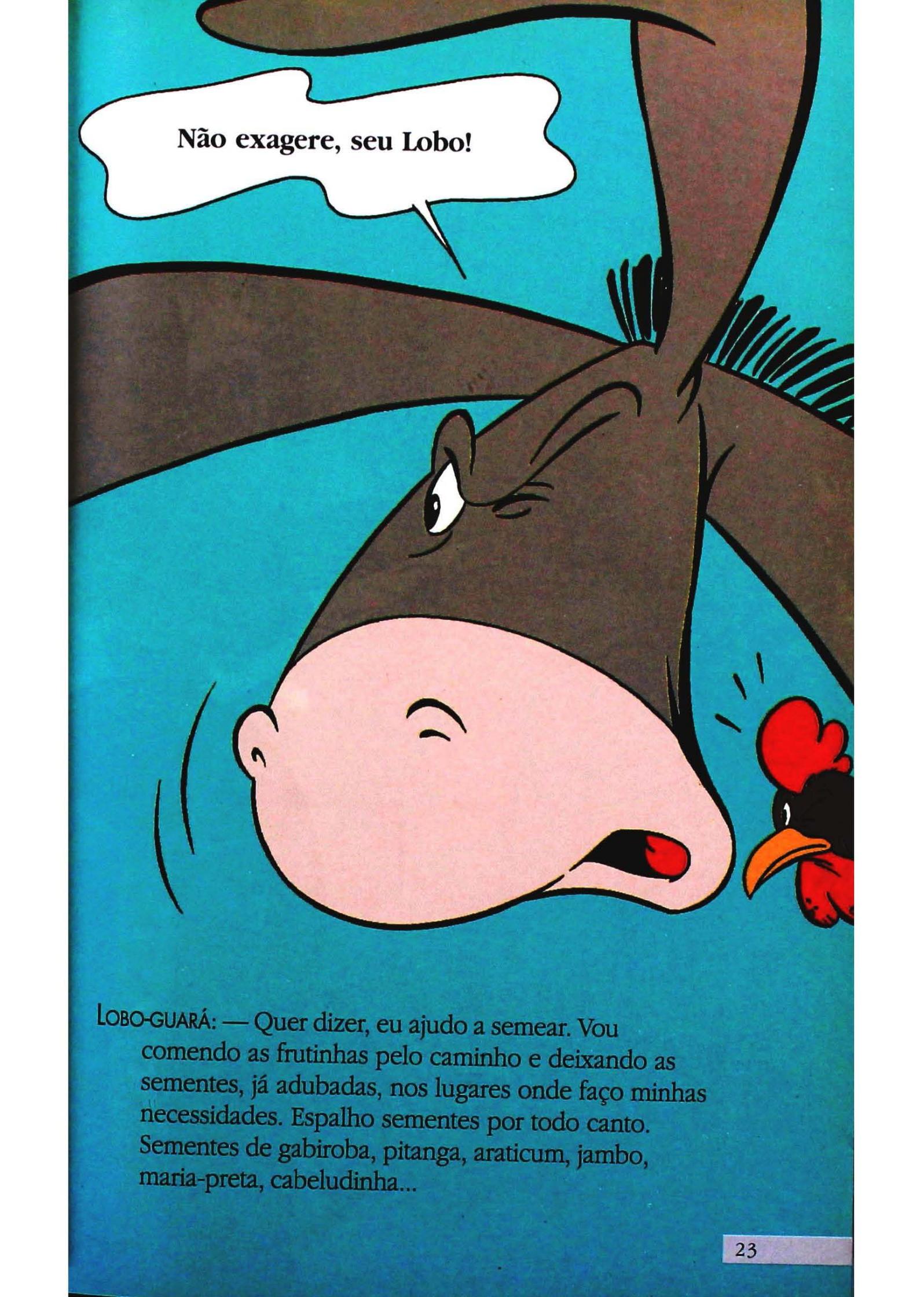


MACACO: — Tenho uma idéia! Primeiro vamos pensar no que aconteceu no mundo pra que os bichos se sentissem ameaçados. Depois vamos traçar um plano pra ver se a gente consegue salvar o planeta.

TODOS: — Aprovado!

LOBO-GUARÁ: — Sou um dos que estão na lista dos ameaçados de extinção, mas não compreendo por que os caçadores me perseguem. Por exemplo, todo mundo sabe que o Brasil é o país que mais tem frutas silvestres. E saborosíssimas! Sabem quem as semeia? Eu!





Não exagere, seu Lobo!

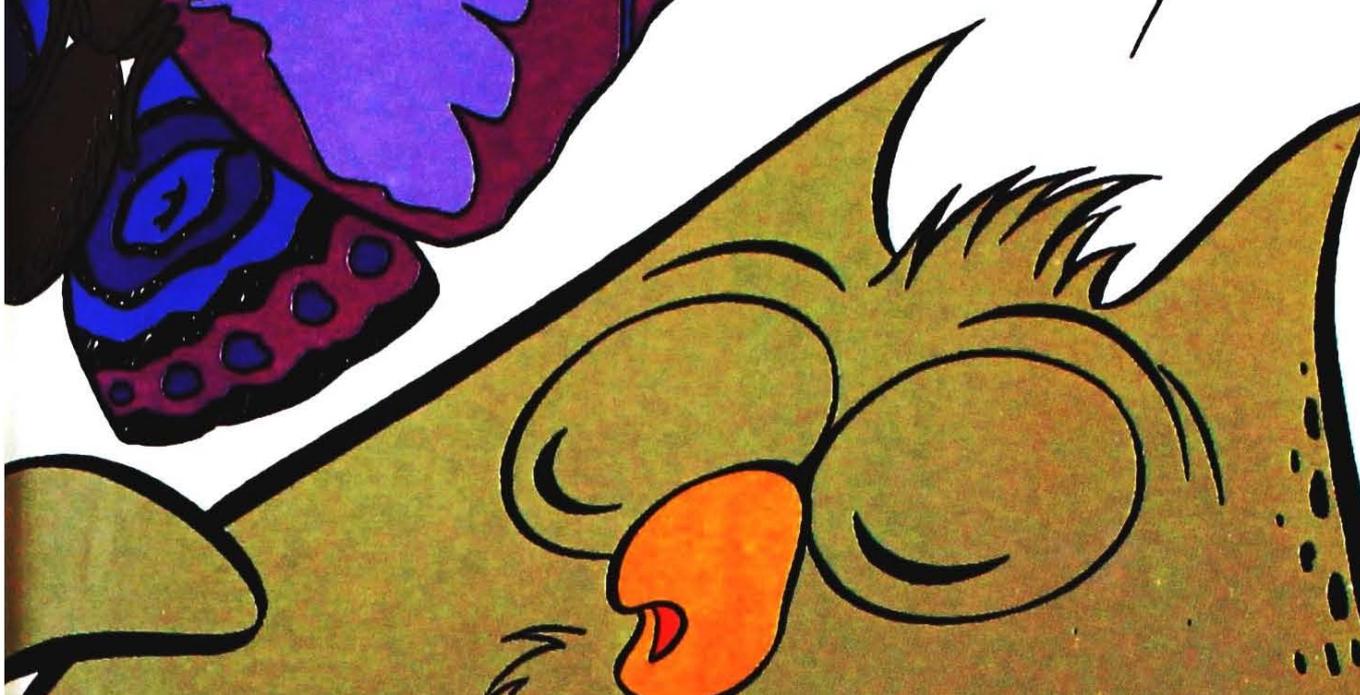
LOBO-GUARÁ: — Quer dizer, eu ajudo a semear. Vou comendo as frutinhas pelo caminho e deixando as sementes, já adubadas, nos lugares onde faço minhas necessidades. Espalho sementes por todo canto. Sementes de gabioba, pitanga, araticum, jambo, maria-preta, cabeludinha...



## • O PAPEL DE CADA UM •



Eu inspiro os pintores com as cores das minhas asas!



E eu inspiro os filósofos com este meu ar pensativo!

JOÃO-DE-BARRO: — Tenho minhas habilidades: sem régua nem compasso, construo casas de fazer inveja a engenheiros e arquitetos.

ARAPONGA: — Eu fui a primeira a inventar o samba de uma nota só.

GALO: — Já pensaram como seria monótono cada novo dia, se eu não anunciasse as manhãs a plenos pulmões? Além de cantar, dizem que depois de velho dou um bom caldo.

BURRO: — Isto aqui está virando uma feira de vaidades!

ARARA: — E quem sabe de toda a nossa importância? Somos milhões de espécies. Os homens só conhecem e utilizam algumas delas, sem imaginar quantas destroem.

OURIÇO: — O problema é que eles dividem a natureza entre amigos e inimigos. As plantas que não cultivam, eles chamam de “daninhas”, e a mim também, só porque gosto de comer nas roças.

Daninho é quem pensa assim dos animais e das plantas!



**GAFANHOTO:** — As chamadas plantas “daninhas” também ajudam a proteger o solo contra o impacto das gotas de chuva, que caem com a violência de uma bala de canhão. Se não existissem as folhas pra amortecer o choque, a água levaria a parte fértil do solo para os rios.

**MENINA:** — E não teríamos terra boa pra plantar.

**CAPIVARA:** — E tem mais. Algumas plantas “daninhas”, como as samambaias e o sapé, servem pra indicar ao agricultor que o solo onde elas crescem deve ser adubado.

**BURRO:** — Para quem sabe ver e ouvir, a natureza está sempre indicando alguma coisa. Dizem até que minhas orelhas e meu rabo funcionam como estação meteorológica: anunciam a chegada das chuvas.



Fiquem sabendo que quando sobrevôo uma lagoa é porque sua água está limpa! Podem confiar!



Eu fujo das cidades que têm o ar muito poluído!

Eu ponho um pouco de desordem em toda essa ordem!

ONÇA: — Vamos logo com isso, antes que eu fique com fome.

VEADO: — Por falar em fome, dona Onça, antes de traçarmos nossos planos temos contas a acertar. A senhora mata e esfolta sem piedade.

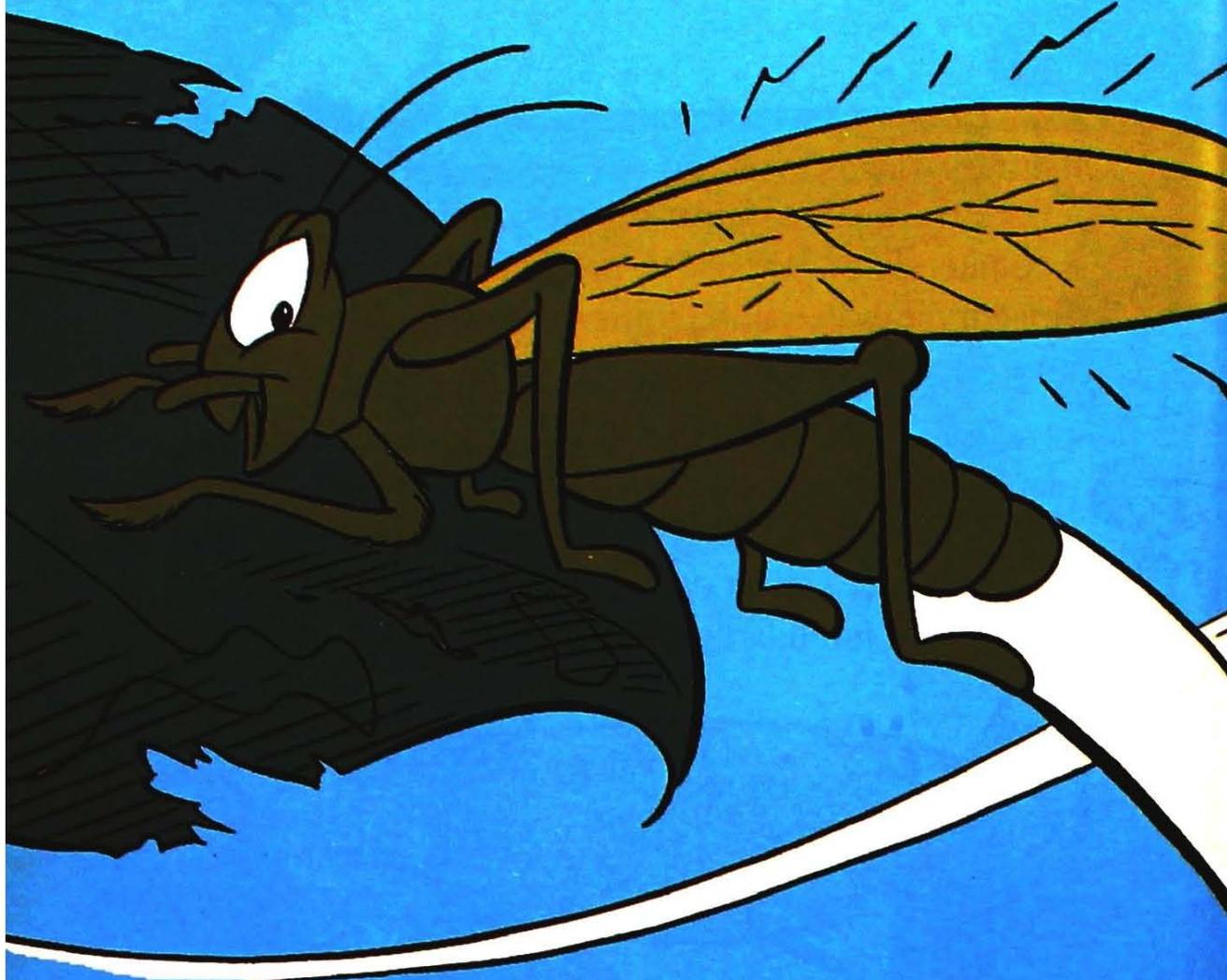
ONÇA: — Que injustiça! Meu papel é eliminar os bichos fracos, doentes e aleijados. Assim, os que sobram são os fortes, os sadios.

MENINA: — Pois já ouvi dizer que a senhora comeu um bezerro inteirinho. Um bezerro bem gordinho e forte.

ONÇA: — É como disse a formiga: sinal de desequilíbrio da natureza. Sinal de que os homens estão acabando com a floresta, que é a minha casa, com os bichos, que são a comida da onça e com a própria onça. Por isso, de vez em quando, minha fome me leva a comer um bezerro pra continuar vivendo.

GAFANHOTO: — Nós, os insetos, cuidamos de eliminar as plantas mais fracas e doentes. Somos as “pragas”, como dizem os homens. Na verdade, somos um aviso de que a lavoura está doente e o solo em perigo de ficar pobre, sem fertilidade.





**MENINA:** — Acho que muitos homens não sabem dessas coisas. Como vocês distinguem uma planta doente de outra, sadia?

**GAFANHOTO:** — Essa é a nossa especialidade. Nossas antenas captam as ondas irradiadas pelas plantas. Não sei se você sabe, mas as plantas irradiam ondas que são diferentes, dependendo do seu estado de saúde. Nossas antenas captam essas ondas que nos indicam quais as plantas doentes. O cheiro também é diferente. Não tem erro. É como um avião localizando a pista do aeroporto. Nossas antenas são o nosso radar.

ABELHA: — Pois a minha especialidade é detectar as plantas saudáveis. Minhas antenas indicam quais são as flores com alto teor de açúcar. É uma pena que vocês não possam me acompanhar no trabalho de polinização das flores. As plantas que meu radar não localiza deixam de ser polinizadas e tendem a não se reproduzir.



Puxa! E eu que nunca parei pra pensar que todos os dias vocês contribuem para o equilíbrio da natureza!



**BURRO:** — Mas essa idéia é nova, mesmo! No início do século, os homens acreditavam que o planeta Terra é que provia e mantinha a vida — aos homens cabia tirar proveito dela, como quem saboreia um picolé e joga o palito fora. Agora eles sabem que são os seres vivos que mantêm a vida na Terra e toda a natureza, incluindo os homens, estão encarregados de cuidar dela. Por exemplo, durante o dia, quando respiramos, estamos recolhendo o oxigênio liberado pela expiração das plantas, e expiramos o gás carbônico que as plantas necessitam para realizar a fotossíntese.

**MENINA:** — Que legal! Eu tinha uma idéia muito diferente. Eu achava que a Terra era uma espécie de Arca de Noé, cheia de animais e de plantas e cada um que cuidasse de si!



O mais certo seria dizer que a Terra e a vida que nela existe são uma coisa só, como eu e minha casa, a concha dentro da qual eu vivo!

BORBOLETA: — Estive pensando... Às vezes brinco de subir por um raio de sol. Se não existir mais ninguém, pra quem o sol vai brilhar?



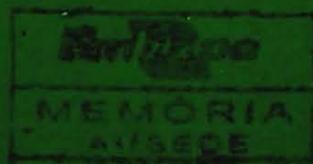
CATETO: — Sem água limpa pra beber?

CAPIVARA: — Vai ficar tudo mudo e sem graça!

TATU: — Um deserto silencioso e sem vida, como os cemitérios por onde eu ando.

GALO: — Se isso acontecer, não vou querer acordar pela manhã.

DOURADO: — Não vou agüentar ver os rios cheios de peixes mortos, boiando. Eu já vi uma vez e é horrível.



Fez-se um profundo silêncio.

Mas quem fosse bem atento, como o menino, ouviria muitos animais chorando baixinho.

A onça, que também havia ficado pensativa por alguns minutos, aproveitou o grande silêncio e retomou a discussão. Com ar de sabichona, comunicou a todos:

Meus amigos, acho que ainda tem solução!



MENINA: — E se contássemos tudo pras crianças?

ONÇA: — Claro! E acho que o papagaio é o mais indicado pra contar a nossa história. Quer dizer, a história de como os homens, quando cuidam de sua vida — fazendo comida, roupa, sapatos, máquinas, automóveis, papel e brinquedos — acabam mexendo com a vida de todos nós, com as florestas, os rios, os mares, o ar, os animais e as plantas. Enfim, com todo esse tesouro que é a natureza.

MENINO: — Mas por que o papagaio?



Porque meus antepassados acompanharam a nossa história desde o começo, quando os portugueses chegaram ao Brasil!

Sentindo que o papagaio ia contar uma história importante, todos os bichos se acomodaram, prestando muita atenção.

Orgulhoso, o papagaio respirou fundo, pigarreou e deu início à história.



## • COMO TUDO COMEÇOU •

— Vou contar a história desde o começo. No ano de 1500 os conquistadores portugueses desembarcaram no litoral da Bahia com ordens do rei para levar tudo de bom que encontrassem. E, naquele tempo, bom para eles era ouro, madeira, pimenta, açúcar e coisas assim. Os livros de História se referem a esse acontecimento como “O descobrimento do Brasil”.

Como é que eles descobriram o Brasil, se os índios já viviam aqui há muito tempo?



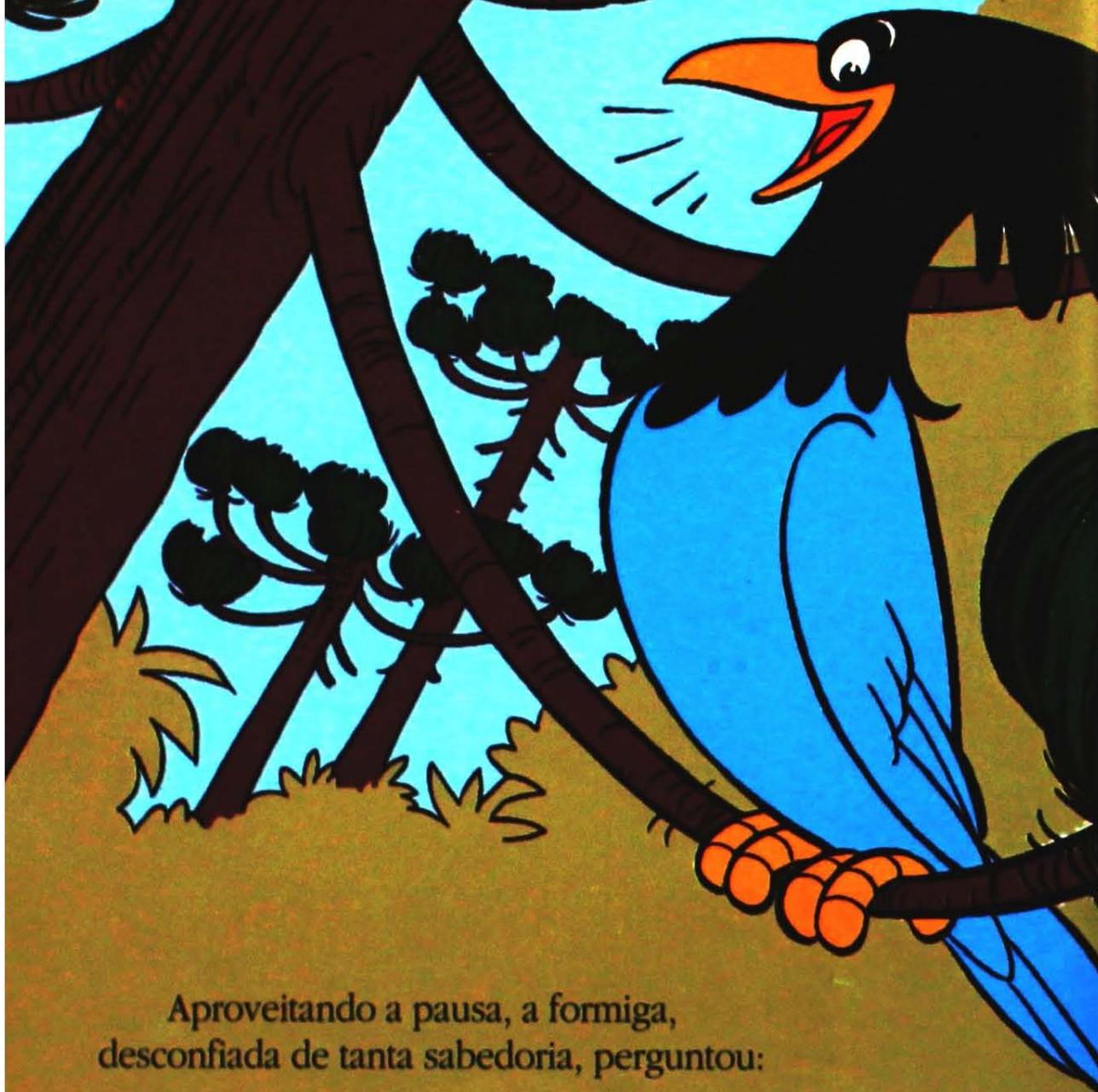


— Pois é, não descobriram — continuou o papagaio.  
— Chegaram ao Brasil e não podiam acreditar no que viam: matas, florestas, pássaros de todas as cores, bichos, rios... uma festa! Havia frutas enormes, como a jaca, e pequenininhas, como a pitanga, todas muito saborosas. Dá até para entender o espanto: afinal, na Europa o sol não brilha o ano inteiro, como aqui, e durante os meses de inverno as árvores perdem todas as suas folhas e tudo fica em silêncio debaixo da neve. O Brasil parecia uma eterna primavera, com flores o ano inteiro e muita cantoria de pássaros.



Cumprindo ordens do rei e dos comerciantes que pagaram a viagem, os portugueses começaram levando embora uma árvore muito abundante no litoral brasileiro, o pau-brasil, de madeira avermelhada, que eles usavam para tingir tecidos e desenhar.

Havia muito pau-brasil e eles cortaram as árvores sem parar. Navios e mais navios voltavam para a Europa carregados dessa madeira. Para agradar aos índios, os portugueses traziam bugigangas, como miçangas e canivetes. Com tanta riqueza, tanto pau-brasil, quem imaginaria que um dia tudo isso pudesse acabar? Mas, alguns anos depois, já não havia pau-brasil.



Aproveitando a pausa, a formiga, desconfiada de tanta sabedoria, perguntou:

— Como é que você sabe de tudo isso?

— Eu sei porque quando os portugueses chegaram ao Brasil fizeram de um dos meus antepassados o primeiro troféu da conquista. Um daqueles “piratas” o acorrentou ao seu ombro e, de lá, empoleirado, ele viu tudo o que se passava. Os portugueses achavam engraçado ele poder falar, admiravam as cores de suas penas e a sua memória. Só não se deram conta, na época, de que nossa espécie é capaz de viver por muitos e muitos anos e de contar aos seus descendentes o que viu. Desconfio que é por isso que nos perseguem até hoje!

A menina interrompeu:

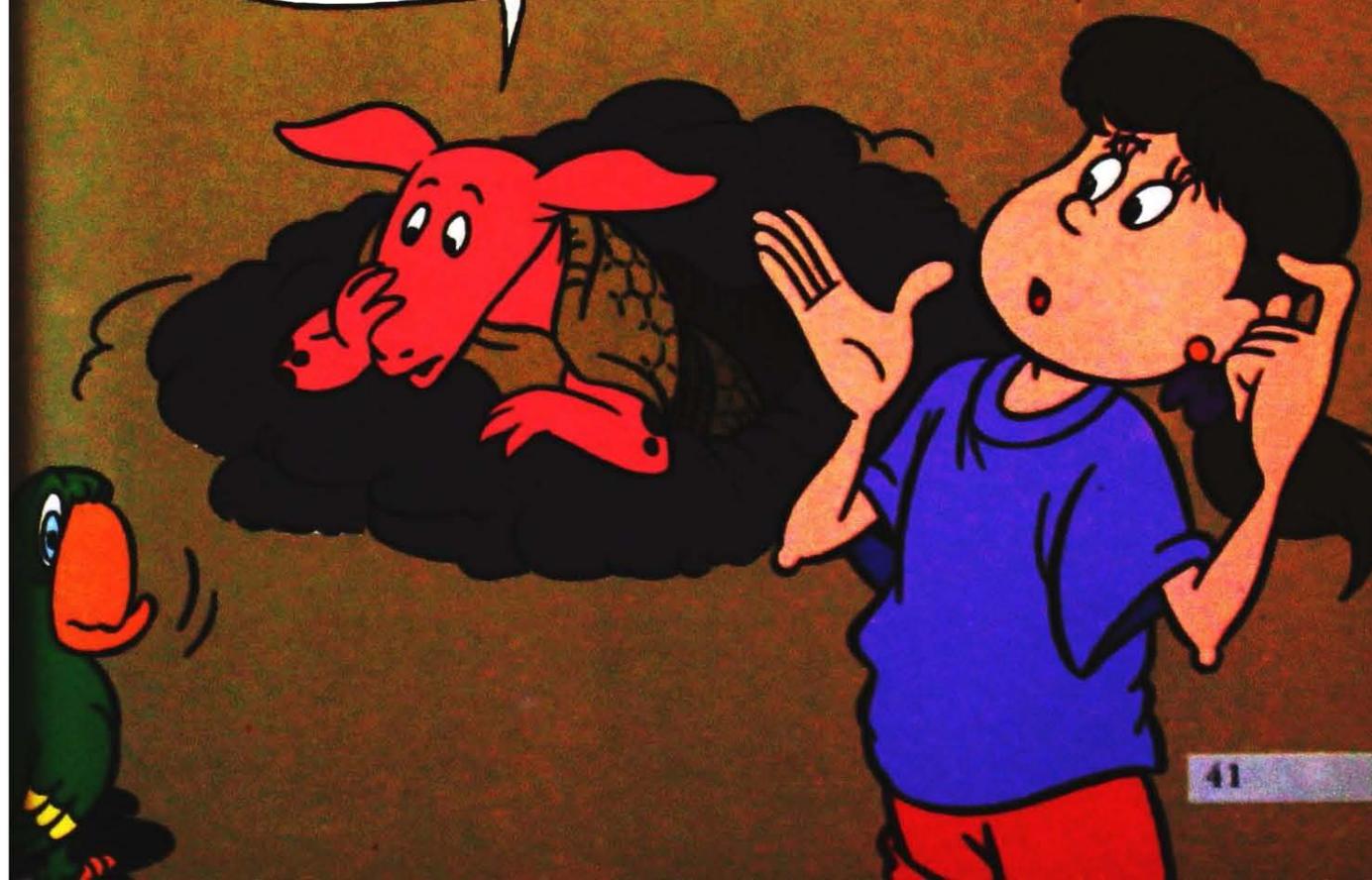
— Ninguém se preocupou em replantar o pau-brasil, como fazemos hoje com os eucaliptos?

— Ninguém. Nem os portugueses, nem quem veio depois deles. Todos acreditavam que a natureza era um tesouro inesgotável.

A gralha-azul aproveitou para contar um pouco da sua história:

— A mesma coisa aconteceu séculos depois com o pinheiro-do-paraná, a árvore que dá pinhão e boa madeira para construção. De tanto ser explorado, o pinheiro quase desapareceu e, com ele, quase todas as galhas-azuis, que viviam de comer e enterrar suas sementes.

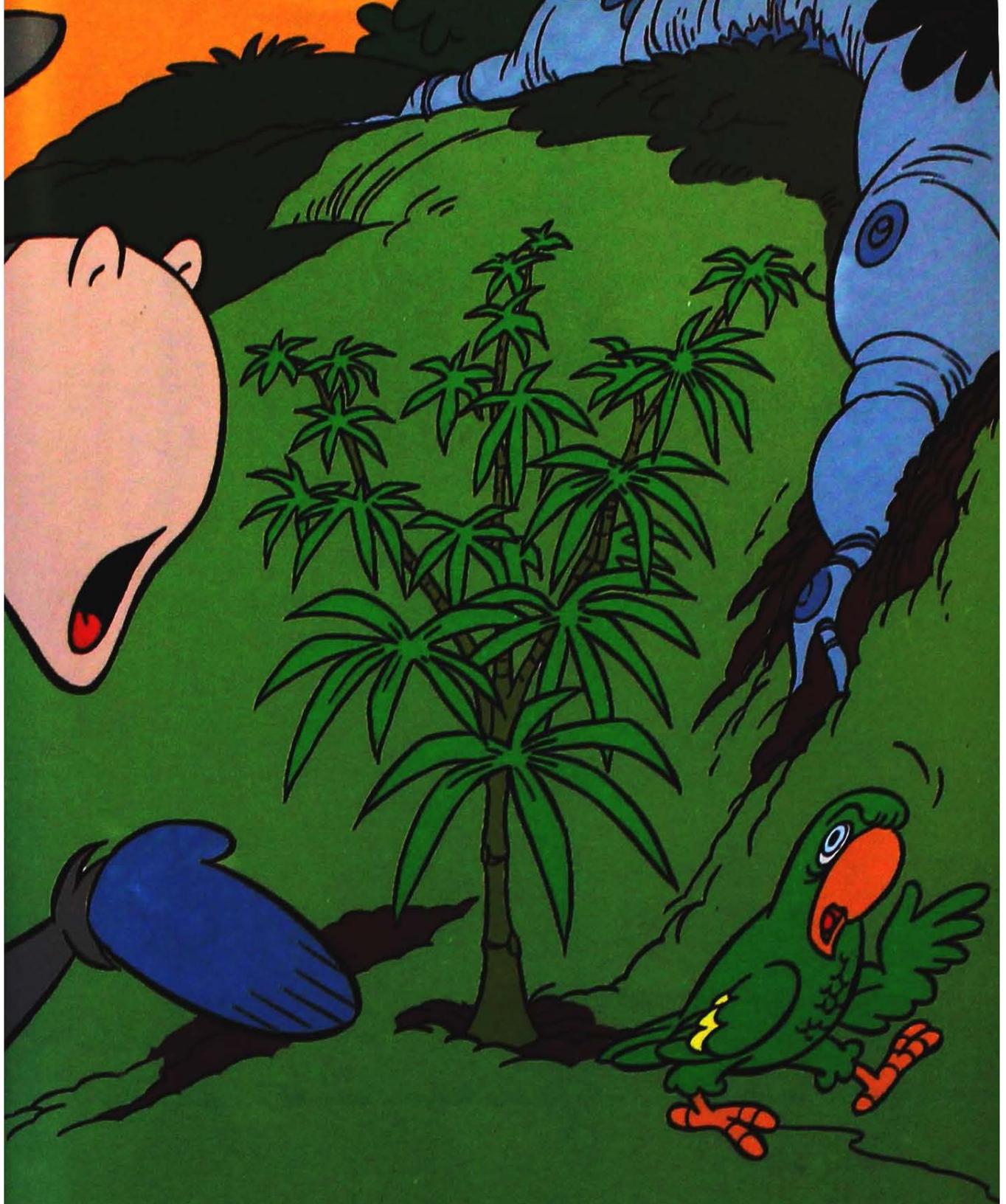
Um século depois da chegada dos portugueses, começaram a desaparecer os próprios índios!



Foi a vez do burro falar:

— Pois é! E pensar que povos diferentes, com suas culturas, são tão importantes quanto a variedade de espécies animais e de plantas. Cada povo tem seu jeito de viver, cantar, dançar, fazer música, comer, rezar. E é essa variedade de culturas que faz o mundo dos homens ficar mais cheio de vida. Nossos índios sabiam muita coisa sobre o Brasil. Conheciam plantas que servem de remédio e sabiam tudo sobre o comportamento da natureza.





Muitos dos alimentos básicos que usamos hoje, como a mandioca, aprendemos a cultivar com os índios.

Retomando a história, o papagaio continuou:

— Depois de acabar com o pau-brasil, os conquistadores perceberam que precisavam encontrar alguma outra coisa pra explorar.



## • A DEVASTAÇÃO DAS FLORESTAS •

— **O** produto escolhido foi a cana-de-açúcar trazida da Ilha da Madeira. Para plantar a cana, eles queimavam a mata sem se preocupar com as espécies de plantas e animais que ali conviviam. Em pouco tempo, o litoral da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas se transformou num mar de canaviais. Para produzir o açúcar, traziam escravos da África e, para alimentar tanta gente, derrubavam mais mata, onde plantavam a roça e criavam gado. É por isso que a costa brasileira, que era mata de ponta a ponta, já não tem florestas. Tudo virou lenha, carvão, açúcar, cinza, deixando a terra quase imprestável para a agricultura.



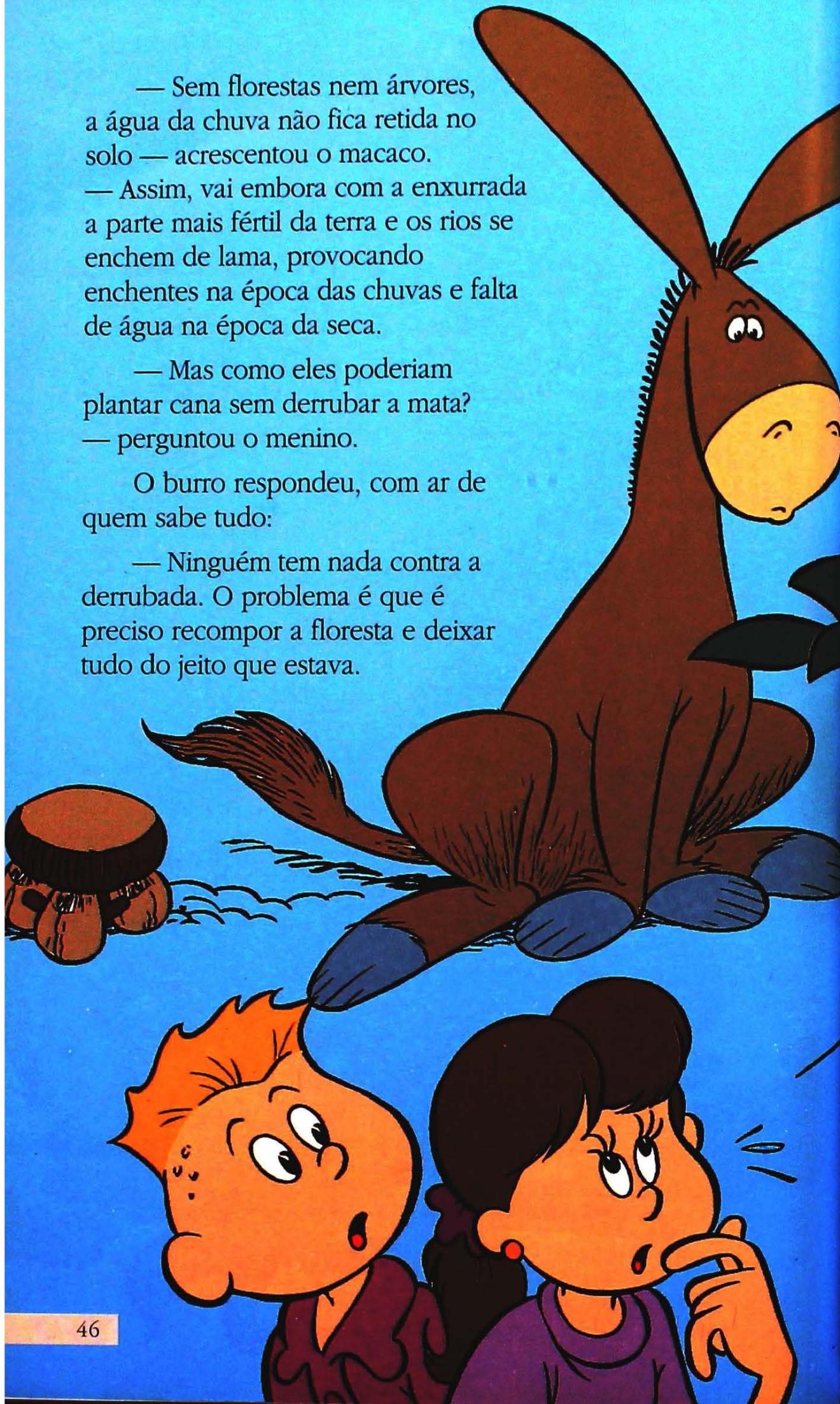
— Sem florestas nem árvores,  
a água da chuva não fica retida no  
solo — acrescentou o macaco.

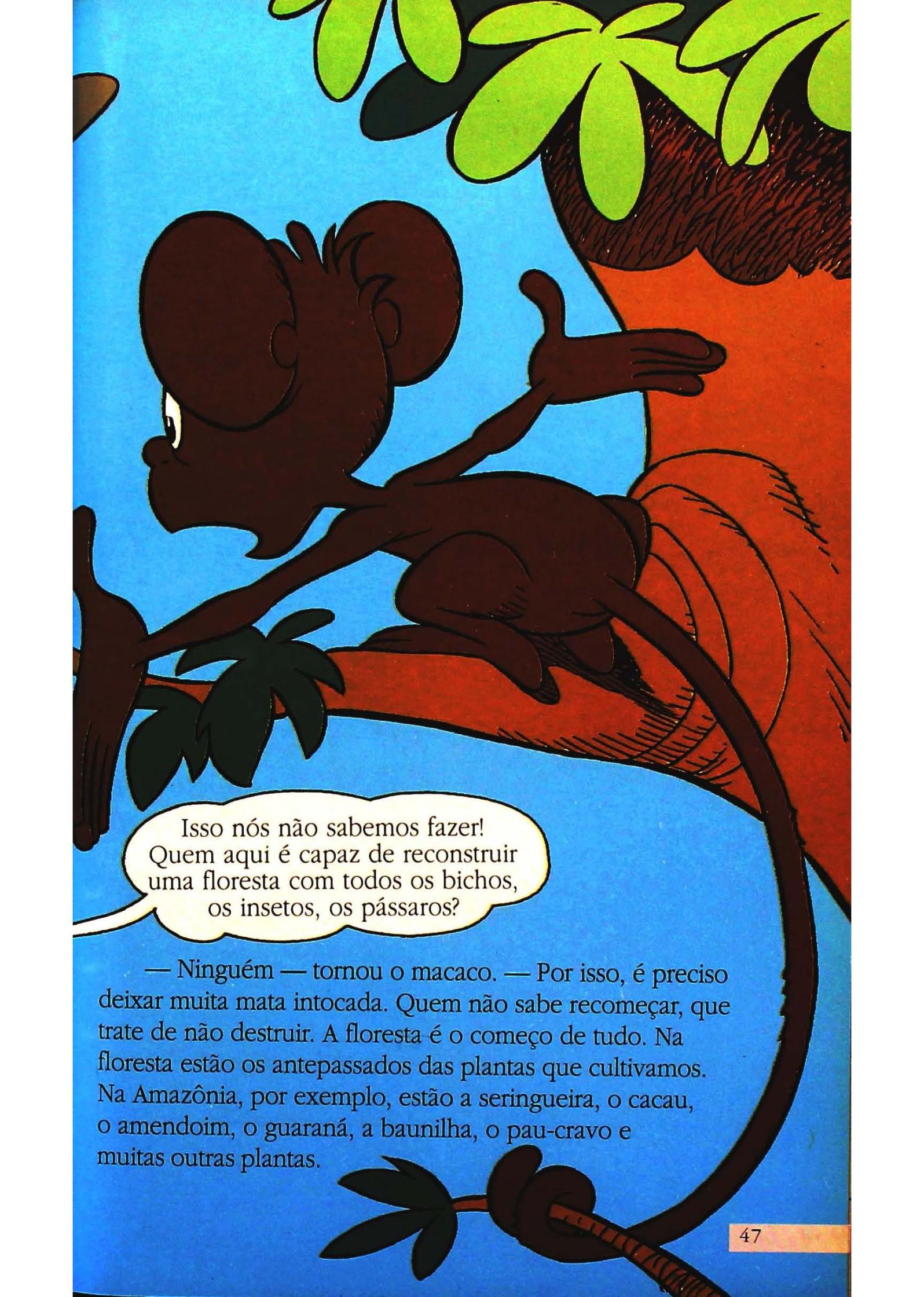
— Assim, vai embora com a enxurrada  
a parte mais fértil da terra e os rios se  
enchem de lama, provocando  
enchentes na época das chuvas e falta  
de água na época da seca.

— Mas como eles poderiam  
plantar cana sem derrubar a mata?  
— perguntou o menino.

O burro respondeu, com ar de  
quem sabe tudo:

— Ninguém tem nada contra a  
derrubada. O problema é que é  
preciso recompor a floresta e deixar  
tudo do jeito que estava.



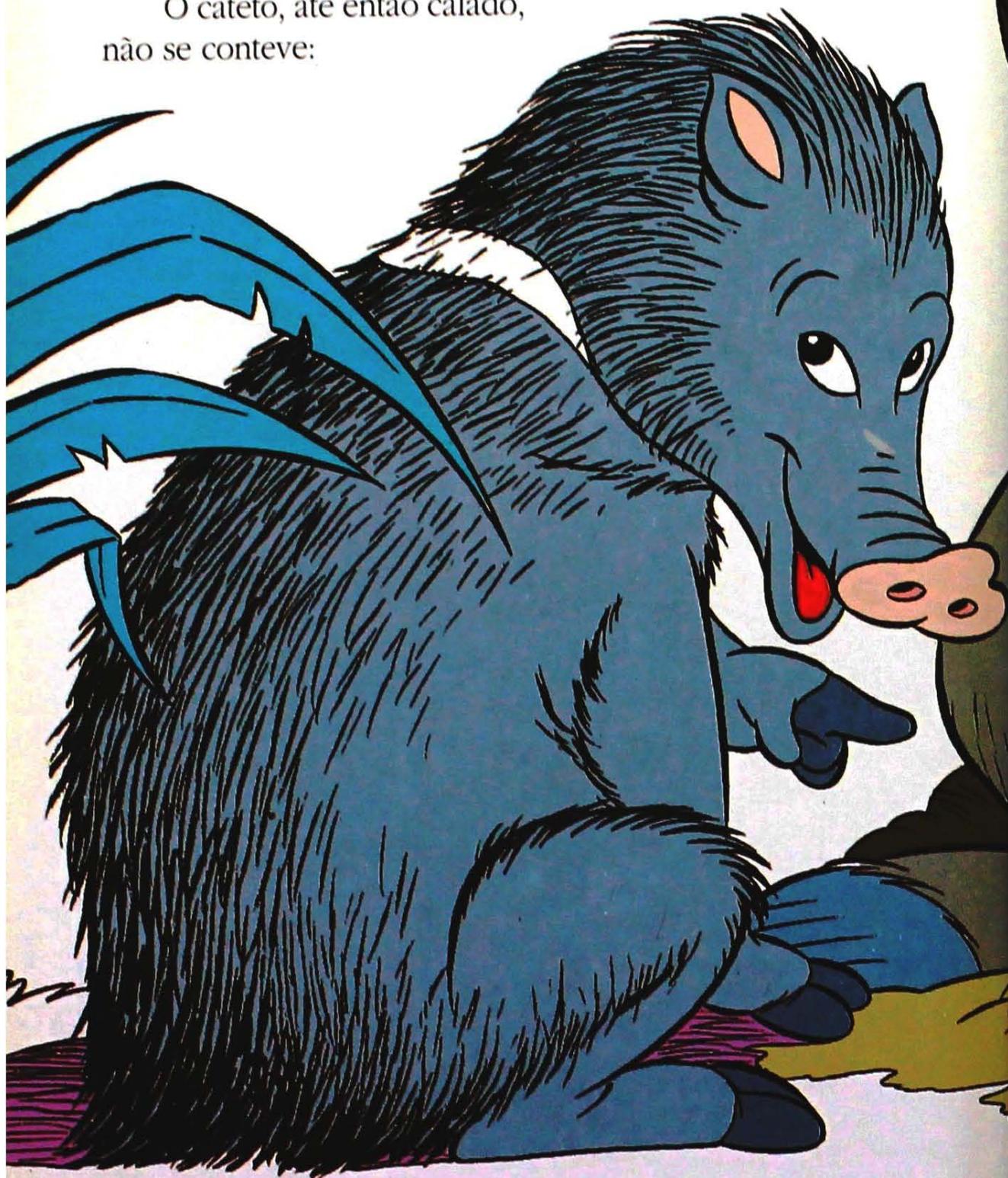


Isso nós não sabemos fazer!  
Quem aqui é capaz de reconstruir  
uma floresta com todos os bichos,  
os insetos, os pássaros?

— Ninguém — tornou o macaco. — Por isso, é preciso deixar muita mata intocada. Quem não sabe recomeçar, que trate de não destruir. A floresta é o começo de tudo. Na floresta estão os antepassados das plantas que cultivamos. Na Amazônia, por exemplo, estão a seringueira, o cacau, o amendoim, o guaraná, a baunilha, o pau-cravo e muitas outras plantas.

Pra melhorar as plantas cultivadas,  
torná-las ainda mais produtivas, o  
cientista precisa voltar a esses  
antepassados silvestres e recomeçar  
a pesquisa.

O cateto, até então calado,  
não se conteve:





— Isso vale também para os animais e para os insetos. Agora, por exemplo, descobriram que o gambá, um animal que os homens sempre desprezaram por chupar ovos de galinha, resiste a picadas de cobra e estão estudando como transferir essa resistência para o homem. A natureza tem sempre lições a dar!

— Não podemos ser contra o progresso quando se preserva a natureza — retomou o papagaio. — Com o Ciclo da Cana-de-açúcar, ganhamos coisas úteis. Surgiram os primeiros instrumentos de trabalho feitos no Brasil — moendas, monjolo, roda d'água, gamela, pilão, ralador de mandioca, mobília das casas, utensílios de madeira...

— Por aí se vê como todos os povos são importantes — completou o burro. — No Ciclo da Cana-de-açúcar, cada povo colaborou com sua cultura: o índio, com as canoas e as armadilhas de caça; os escravos, com instrumentos de trabalho, com o próprio trabalho e com a diversidade culinária; os europeus trouxeram o carro de boi, que passou a ser feito com a madeira brasileira; índios e portugueses aprenderam com os escravos negros como trabalhar o ferro.





Os negros gostavam muito de música e de dança! Trouxeram com eles o bumbo, o atabaque...

— Pra comer, a mesma coisa — acrescentou a capivara. O escravo africano trouxe o quiabo, o maxixe, o azeite-de-dendê; o português trouxe a galinha, o arroz, o cheiro-verde...

Impaciente, o macaco finalizou a conversa:

— O índio contribuiu com a farinha de mandioca, o amendoim, a castanha de caju, a pimenta e o feijão. E da mistura de tudo isso surgiu o vatapá, que tem ainda pimentão vindo do México e leite de coco trazido da Índia pelos portugueses. Pra sobremesa, goiabada brasileira com queijo português e pé-de-moleque. Tá bom assim, ou quer mais exemplos?





## • A DESTRUIÇÃO DA PAISAGEM •

O papagaio continuou a história:

— Lá por volta de mil setecentos e tanto, o açúcar já não rendia muito dinheiro. Foi quando descobriram o ouro em Minas Gerais. Isso causou uma grande confusão. Muita gente correu para o interior do Brasil. Começava o Ciclo do Ouro e, com ele, uma nova etapa na exploração dos recursos naturais do Brasil. O material explorado era diferente, mas não a maneira de lidar com a natureza. Com a exploração do ouro, a destruição começou a avançar da costa para o interior do país.



Foi assim: quem era dono de escravo podia se candidatar a minerador e então começava a buraqueira. Muita gente trabalhando no mesmo lugar deu origem às primeiras cidades do interior, como Vila Rica (hoje Ouro Preto), que chegou a ser capital do Brasil colônia. Os mineradores precisavam de comida, animais pro transporte, couro para as roupas e utensílios. Para plantar, derrubavam-se as matas. Hoje, quem viaja pelas cidades históricas — Tiradentes, São João del Rei, Congonhas — pode observar os morros pelados e muitos buracos de erosão. A terra que era boa foi levada para os rios. Em menos de um século, estava tudo destruído.

Entretanto, mesmo depois de mandar para o rei de Portugal o ouro que ele exigia, ainda sobrava muito dinheiro na Colônia. Assim, os ricos mandavam construir igrejas, palacetes, conventos, tudo encomendado a artesãos e pedreiros muito habilidosos, que sabiam trabalhar com capricho os materiais que a natureza fornecia. Aleijadinho, por exemplo, tornou-se um grande escultor entalhando a pedra-sabão.



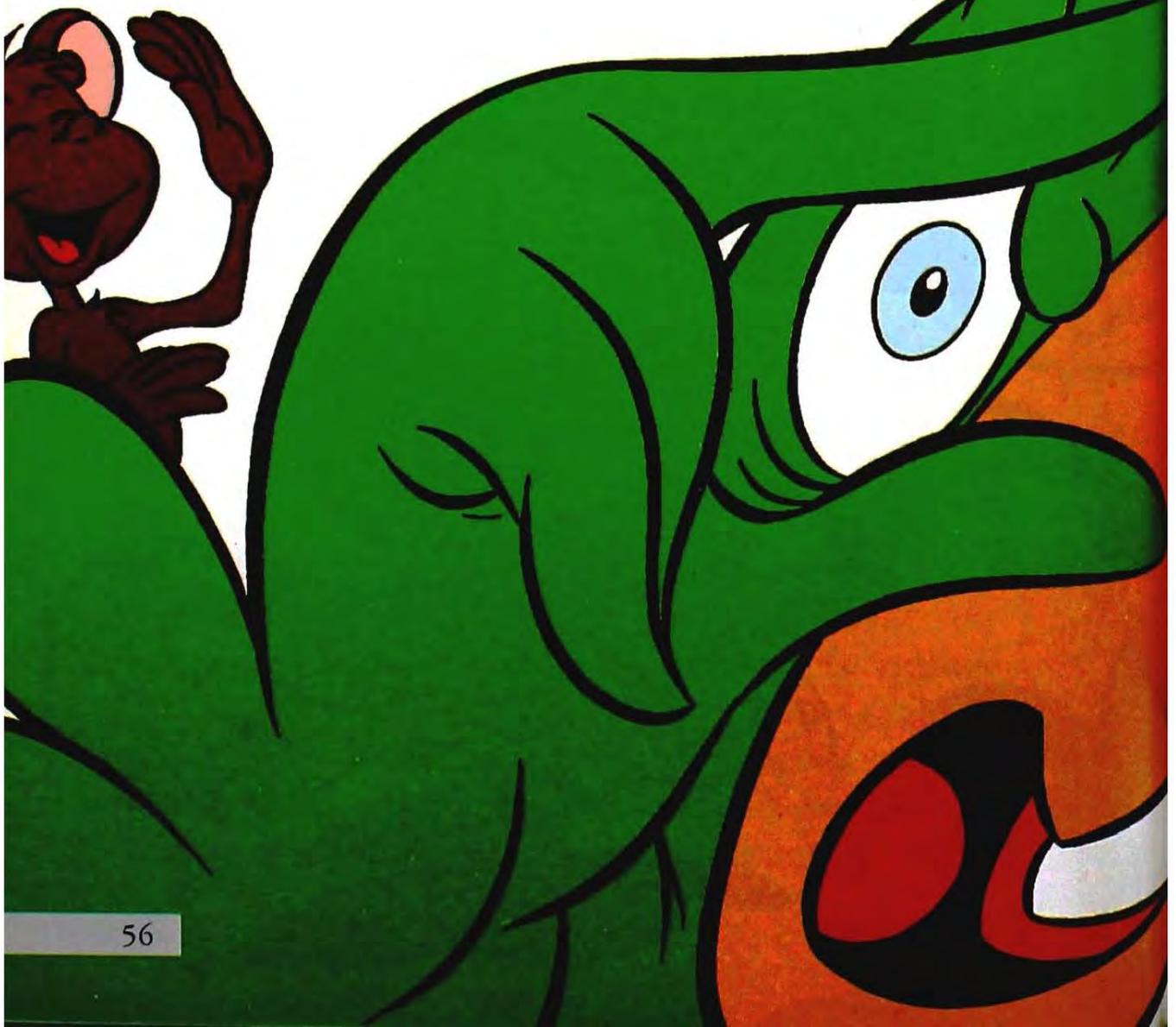
Surgiram na época grandes músicos, poetas, escritores, que começaram a escrever coisas lindas sobre o Brasil e a se perguntar por que razão tudo tinha de ser levado embora.

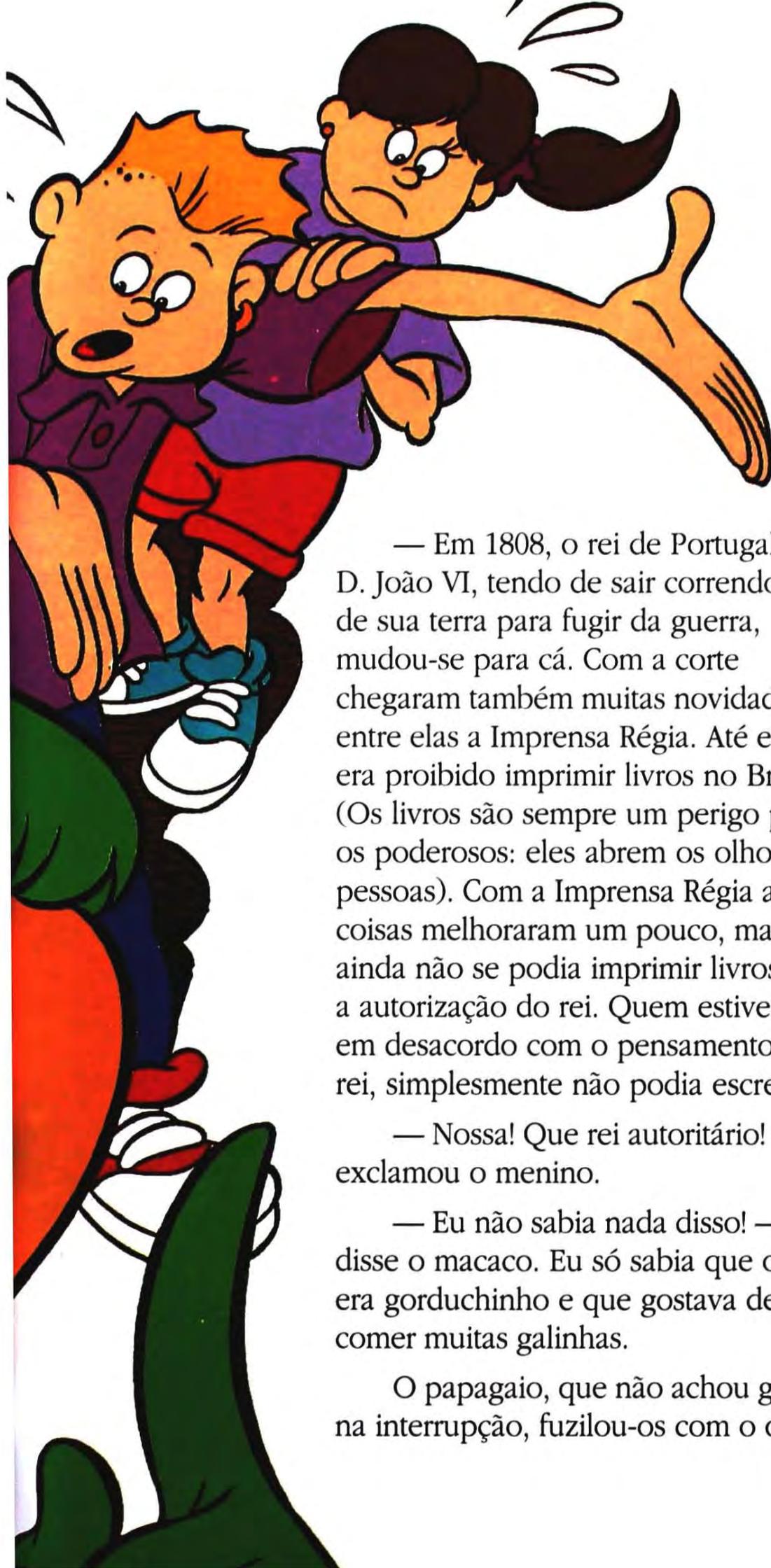
Quando o Ciclo do Ouro acabou, no final do século XVIII, a paisagem brasileira começava a adquirir as feições do que viria a ser o Brasil de hoje: progresso e muita destruição.

Enquanto o papagaio tomava fôlego, o menino desabafou:

— Já estou ficando desesperado. Será que o final da história vai ser uma catástrofe?

Ninguém respondeu. Todos pensavam mais ou menos a mesma coisa. O papagaio retomou a história:





— Em 1808, o rei de Portugal, D. João VI, tendo de sair correndo de sua terra para fugir da guerra, mudou-se para cá. Com a corte chegaram também muitas novidades, entre elas a Imprensa Régia. Até então era proibido imprimir livros no Brasil. (Os livros são sempre um perigo para os poderosos: eles abrem os olhos das pessoas). Com a Imprensa Régia as coisas melhoraram um pouco, mas ainda não se podia imprimir livros sem a autorização do rei. Quem estivesse em desacordo com o pensamento do rei, simplesmente não podia escrever.

— Nossa! Que rei autoritário! — exclamou o menino.

— Eu não sabia nada disso! — disse o macaco. Eu só sabia que o rei era gorduchinho e que gostava de comer muitas galinhas.

O papagaio, que não achou graça na interrupção, fuzilou-os com o olhar.



— **A** essa altura, as minas de ouro já rendiam muito pouco. Era preciso pensar em outro recurso natural para se explorar. Trouxeram o café, originário da Etiópia.

A história da exploração do café, então chamado de ouro verde, não é diferente da história do pau-brasil, da cana-de-açúcar e do ouro das minas gerais. Como um busca-pé sem cauda, as lavouras de café se espalharam por toda parte, a partir do Rio de Janeiro e de lá para São Paulo, Minas Gerais e outras regiões. Houve novas derrubadas e queimadas de mata. Em pouco tempo, a lavoura não produzia mais nada e era preciso mudá-la de lugar.





A história do café se confunde com a história de toda a agricultura brasileira: adiante, a floresta e o solo fértil; atrás, depois de cultivada, a terra nua, o solo esgotado e a erosão.

Mas foi no século XX que a história da exploração dos recursos naturais no Brasil começou a correr mais depressa. No início, eram apenas indústrias que fundiam o minério de ferro para fazer máquinas e ferramentas de trabalho, como enxadas, martelos, etc. Depois vieram as estradas de ferro.

Naquela época, eram os trens movidos a carvão que transportavam as nossas riquezas — café, ferro, madeira, cereais e alimentos, que iam do interior para as capitais. Era preciso muita lenha para fundir o ferro, para as bocas de fogo das locomotivas, para as caldeiras que produziam o vapor que fazia girar as rodas das máquinas. Havia ainda as fábricas de papel — e mais madeira para colocá-las em movimento!

Foi assim que o consumo de madeira em nosso país cresceu tanto. Ainda hoje, para cada 100 árvores cortadas só conseguimos replantar 60. Isso quer dizer que estamos acabando com o estoque original, aquele encontrado pelos portugueses.

Depois vieram as grandes cidades, as fábricas de automóveis, de plásticos, de televisores — todas as facilidades e técnicas que tornam a vida de muita gente bem mais confortável do que no tempo de nossos avós. As hidrelétricas, por exemplo, fornecem energia elétrica. Pena que as barragens, feitas para represar as águas, impeçam a passagem de peixes rio acima para a desova, o que prejudica o seu processo de reprodução.

— Eu gosto de luz elétrica e dos peixes — comentou a menina.



O caramujo, no seu jeito vagaroso, falou:

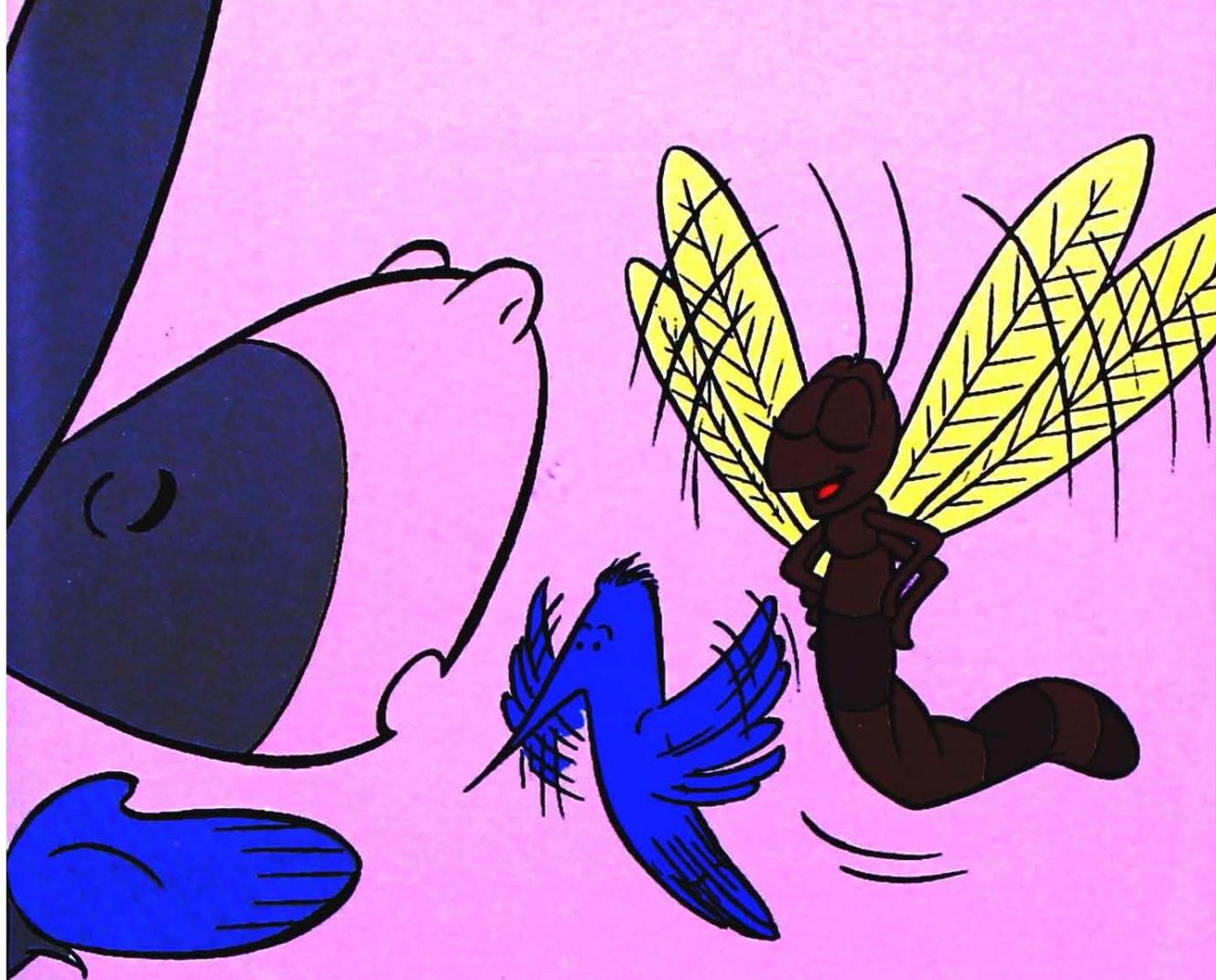
— Esse é o problema. De repente, descobrimos que todo esse progresso parece um pesadelo, de tanto que se destrói. Mas ninguém deseja voltar atrás e substituir o automóvel pelo carro de bois.

— Muita gente se orgulha de ver o Brasil produzindo toneladas de aço e milhões de automóveis — observou o menino.

— Hoje é preciso olhar o progresso de outra maneira — retrucou o burro.

— Quantas toneladas de fumaça as fábricas de aço produzem? Quanta água contaminada as indústrias despejam nos rios? Quantos rios “morrem” por ano? Quantas pessoas ficam doentes respirando o ar poluído das cidades?





O macaco, que parecia distraído, entrou na conversa se vangloriando: — Tenho uma idéia! A gente não poderia medir de alguma forma o bem-estar de todos os seres vivos?

— Mas como saber, por exemplo, se as águas que utilizamos estão sendo limpas? O que se deve fazer para manter a vida nos rios? — perguntou o veado, interessado.

— Como já disse, eu me encarrego de indicar as águas limpas — disse a libélula, dengosa.

O beija-flor não quis deixar por menos:

— Como também já disse, quando eu fugir das cidades é porque está na hora de limpar o ar.

O grilo também deu a sua opinião:

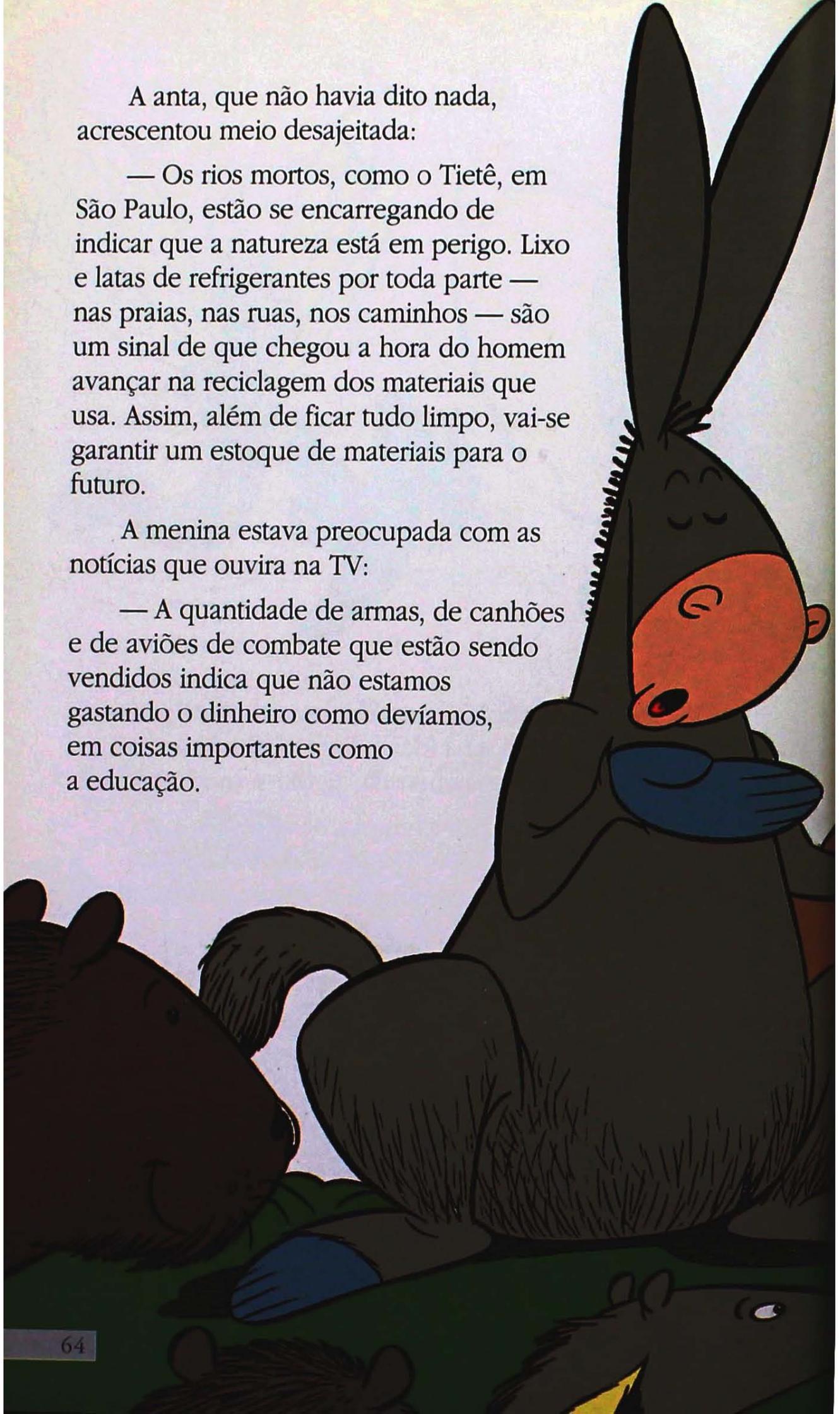
— As plantas podem colaborar. A guanxuma só vai nascer onde o solo estiver socado, sinal de que o agricultor está tratando mal aquela terra.

A anta, que não havia dito nada, acrescentou meio desajeitada:

— Os rios mortos, como o Tietê, em São Paulo, estão se encarregando de indicar que a natureza está em perigo. Lixo e latas de refrigerantes por toda parte — nas praias, nas ruas, nos caminhos — são um sinal de que chegou a hora do homem avançar na reciclagem dos materiais que usa. Assim, além de ficar tudo limpo, vai-se garantir um estoque de materiais para o futuro.

A menina estava preocupada com as notícias que ouvira na TV:

— A quantidade de armas, de canhões e de aviões de combate que estão sendo vendidos indica que não estamos gastando o dinheiro como devíamos, em coisas importantes como a educação.



— Como vêem, não faltam sinais de mal-estar — disse o burro. — É uma questão de saber ver e ouvir o que a natureza nos diz. Vamos colocar isso por escrito, numa espécie de pacto entre todos, pra garantir o futuro, com a menor dose possível de mal-estar. Nesse pacto poderíamos escrever:

1. A natureza não agüenta mais tanta agressão.
2. Todo homen faz parte de uma grande comunidade, da qual participam todos os seres vivos.
3. Os homens poderão continuar explorando a natureza, desde que garantam a renovação de todos os recursos, como a água.
4. É preciso repartir melhor os bens que a natureza permite produzir, para reduzir a desigualdade entre os homens e acabar com a miséria.
5. Os bens da natureza existem para servir a todos.
6. Cada nova geração deve deixar para o futuro um mundo tão diversificado e rico como aquele que herdou.



O menino e a menina estavam felizes:

— Acho que as crianças poderão contribuir com muitas outras idéias. Vamos falar com elas.

O macaco se lembrou dos amigos ameaçados de extinção que estavam ausentes:

— É preciso escolher alguém entre nós que saiba contar toda a nossa discussão pra quem não pôde participar desta reunião.

— Pode ser você, se todos concordarem — sugeriu o menino.

— Eu também me candidato, por mais de uma razão — falou o papagaio. — Desde o começo, acompanhei tudo de perto. Quando os portugueses chegaram ao Brasil...

— ... fizeram do papagaio o primeiro troféu da conquista... — zombou o macaco ao ver que o amigo ia começar tudo de novo.

E antes que a assembléia se transformasse em bagunça, a onça, furiosa, declarou encerrada a reunião.



## • GLOSSÁRIO •

**Adubar** — Colocar adubo nas plantas, estercar.

**Adubo** — Tudo que, misturado com a terra, serve para enriquecê-la; esterco.

**Agrotóxicos** — Substâncias usadas para combater as chamadas pragas que ameaçam a lavoura. Por serem venenosos, muitas vezes prejudicam animais e agricultores. Outras vezes matam plantas saudáveis, pois não são específicos para cada espécie.

**Aguapé** — Plantas aquáticas que formam uma trama vegetal e crescem na superfície de rios, lagos e pântanos.

**Aleijadinho** — Escultor mineiro que nasceu em Ouro Preto, por volta de 1730, e morreu em 1814. Seu nome era Antônio Francisco Lisboa e ficou famoso por suas esculturas sacras. Recebeu esse apelido por causa de uma doença que deformou seus braços e pernas.

**Antepassado** — Pessoa de quem descendemos.

**Araticum** — Árvore de frutos doces e perfumados, que chegam a pesar mais de 2kg.

**Artesão** — Pessoa que tem dom para trabalhos manuais.

**Assembléia** — Reunião de pessoas com fim determinado; congresso.

**Atabaque** — Espécie de tambor feito com pele de animal estendida sobre um pau oco. Ele marca o ritmo de músicas e danças, e deve ser tocado com as mãos.

**Autoritário** — Que procura impor suas idéias.

**Barragem** — Obra destinada à acumulação de água para diversos fins; represa.

**Busca-pé** — Bombinha com uma cauda feita por vareta de bambu, com uns 20cm de comprimento, muito comum em festas juninas e que, depois de acesa, corre em zigue-zague, rente ao chão.

**Cabeludinha** — Planta frutífera silvestre que ocorre principalmente no Cerrado e da qual se come o fruto.

**Caldeira** — Grande tanque em que se aquece água ou se queima lenha para produzir vapor.

**Canavial** — Plantação de cana-de-açúcar de grande extensão.

**Catástrofe** — Grande desastre ou desgraça; calamidade.

**Cereal** — Planta cujas sementes servem para alimentação do homem e dos animais (trigo, cevada, aveia, arroz, milho, etc).

**Ciclo** — Período, fase.

**Conquistador** — Aquele que submete um povo, um grupo, pela força das armas; aquele que vence pelo seu esforço e talento.

**Cultivar** — Plantar; dedicar-se ao cuidado de plantas.

**Cultura** — Modo de cultivar, ou conjunto dos valores e crenças de um povo, civilização.

**Dendê** — Fruto do dendezeiro, um tipo de palmeira, e do qual se extrai um óleo muito usado na culinária baiana.

**Devastação** — Destruição em grande quantidade ou em larga escala.

**Diversidade** — Variedade e variabilidade.

**Em extinção** — O que está deixando de existir (como algumas espécies animais e vegetais).

**Equilíbrio** — Igualdade de forças, de pesos, etc.

**Erosão** — Desgaste do solo pela ação de agentes externos (águas correntes, mar, vento, gelo).

**Ervas daninhas** — Plantas que crescem muito depressa e por isso podem sufocar as outras plantas.

**Espécie** — Totalidade dos seres animais e vegetais que têm características comuns e podem cruzar (para procriação e multiplicação).

**Estação meteorológica** — Lugar onde se realizam estudos sobre as condições do tempo.

**Etiópia** — País do Nordeste da África.

**Fértil** — Produtivo, fecundo.

**Fotossíntese** — Processo em que as plantas transformam gás carbônico em oxigênio, através da luz.

**Fundir** — Transformar um material em estado sólido para o líquido (fundir ferro, chumbo, etc).

**Gabiroba** — Frutífera silvestre de pequeno porte e frutos doces.

**Gamela** — Vasilha de madeira.

**Guanxuma** — Planta daninha de fibras têxteis, e com propriedades medicinais.

**Habilidade** — Capacidade, talento.

**Hidrelétrica** — Usina que produz energia gerada por turbinas acionadas por uma corrente de água.

**Imprensa Régia** — Imprensa real, que pertencia ao rei.

**Inesgotável** — Que não tem fim.

**Irradiar** — Espalhar, difundir.

**Jambo** — Fruto do jameiro, característico pela coloração moreno-rosa.

**Lavoura** — Terreno preparado e cultivado.

**Mamangava** — Tipo de abelha grande, muito útil para polinização de plantas, particularmente do maracujá. Vivem e se reproduzem em paus podres.

**Maria-preta** — Planta de coloração verde-escura, tida como daninha e que

crece em cafezais e outras plantações, jardins, pomares e terrenos baldios.

**Mata virgem** — Mata que ainda não foi tocada pelo homem.

**Maxixe** — Fruto carnudo, coberto de espinhos moles, muito usado na culinária brasileira. É também uma dança urbana, originária do Rio de Janeiro.

**Miçangas** — Contas de vidro miúdas e de diversas cores.

**Moenda** — Nome dado a todo instrumento que mói.

**Monjolo** — Engenho rústico, movido a água, usado para socar o milho no pilão e descascar café.

**Monocultura** — Cultivo de um só produto agrícola.

**Pacto** — Ajuste, trato.

**Pedra-sabão** — Pedra muito macia, comum em Minas Gerais, usada em esculturas e na confecção de objetos.

**Pilão** — Nome que se dá a diversos instrumentos côncavos que servem para amassar, bater ou socar.

**Pinhão** — Cada uma das sementes do Pinheiro-do-Paraná, que é uma árvore muito alta, característica do Sul do Brasil. Sua madeira é mole, clara e muito útil.

**Polinizar** — Transportar o pólen, que é o elemento de fecundação das plantas floríferas, para o órgão reprodutor da flor.

**Praga** — Inseto que ataca plantas ou animais.

**Queimada** — Queima da vegetação para limpar o terreno para o plantio. É uma prática condenada, pois destrói os resíduos de vegetação, microorganismos e bactérias que tornam o solo fértil.

**Radar** — Dispositivo que permite determinar a posição e a distância de um obstáculo.

**Reciclar** — Reaproveitar material já usado.

**Represar** — Deter o curso da água.

**Roda d'água** — Roda com pás que, ao girarem e impulsionarem a água, fazem funcionar moinhos e geradores.

**Sapé** — Planta muito usada para cobertura de cabanas e casas rústicas, pois não deixa passar a água da chuva.

**Seringueira** — Árvore que produz uma seiva com que se fabrica a borracha.

**Tear** — Instrumento ou máquina para a fabricação de tecidos.

**Teor** — Proporção de uma substância num todo. (Por exemplo: se diz que o leite desnatado possui menor teor de gordura que o leite integral).

**Trégua** — Suspensão temporária de hostilidades.

**Vangloriar** — Considerar-se importante, falar contando vantagem.

## OS ANIMAIS MAIS CURIOSOS DA HISTÓRIA

- Anta** — Mamífero que se alimenta de folhas e frutos. Chega a atingir 2m de comprimento e 1m de altura.
- Arara** — Ave multicolorida de grande porte, que habita a parte superior das maiores árvores. Possui a cauda longa e o bico muito forte e se alimenta de frutas e sementes.
- Araponga** — Ave de penas brancas e cujo canto lembra um som metálico.
- Ariranha** — Mamífero semelhante à doninha. Alimenta-se de peixes e vive em regiões pouco povoadas do Brasil, em especial na Amazônia.
- Capivara** — O maior roedor do mundo, vive nas margens dos rios, brejos e lagoas, pois é para onde foge do seu maior inimigo, a onça. Alimenta-se de plantas aquáticas e brotos de árvores.
- Dourado** — Peixe carnívoro, de cor dourada, quase vermelha, típico do rio São Francisco. De carne muito apreciada, chega a medir 1m de comprimento.
- Gambá** — Mamífero noturno, semelhante a um grande rato, exala forte mau-cheiro para se defender dos seus inimigos. Alimenta-se de frutos silvestres, ovos e pequenos pássaros. Não raro, assalta os galinheiros da vizinhança.
- Gralha-azul** — Ave de coloração azulada e cabeça preta. Vive nos pinheirais do Sul do Brasil e, como os pinheiros, está em extinção.
- João-de-barro** — Ave de pequeno porte, que constrói seu ninho com bolas de barro que amassa com o bico e as patas. O macho e a fêmea se revezam nesse trabalho e a casinha tem dois compartimentos. O maior deles é forrado com musgo e penas, abriga os três a quatro ovos que a fêmea bota três vezes por ano.
- Lebre** — Animal semelhante ao coelho, só que maior e mais veloz na corrida. Chega a atingir 60 quilômetros por hora, correndo em zigue-zague, para fugir de algum inimigo. Alimenta-se de hortaliças.
- Libélula** — Inseto que possui dois pares de asas muito transparentes e que se alimenta de outros insetos. Desenvolve-se nas águas correntes ou estagnadas, ou no interior de algumas plantas.
- Lobo-guará** — É o lobo brasileiro. De patas compridas e pêlo avermelhado, mais parece uma raposa. Alimenta-se de pequenas aves e roedores, mas também de frutos e raízes.
- Onça pintada** — Mamífero que pode atingir 2m de comprimento, é um perigo para todo animal em sua área de caça. Caminha silenciosamente e seu pêlo se confunde com as sombras da mata e é difícil escapar de seu ataque. É um dos poucos felinos que gosta de nadar.

**Ouriço** — Mamífero roedor, seu pêlo é cinza-amarelado, esbranquiçado nas pontas. Pode ser encontrado em campo aberto ou nas florestas. Dorme durante o dia e caça à noite. Alimenta-se de insetos, mas também de vermes, cobras, aves, moluscos e pequenos mamíferos. Tem o corpo recoberto de espinhos e, quando ameaçado, enrola-se, formando uma bola espinhenta com a qual se protege.

**Paca** — Mamífero roedor, tem o dorso escuro ladeado por listras brancas. Gosta muito de nadar, por isso vive perto da água, onde se refugia quando perseguido. Alimenta-se de raízes, folhas e frutos caídos no chão.

**Pacu** — Peixe da família da piranha, que tem o corpo arredondado e é encontrado em toda a bacia do rio da Prata. É frugívolo e carnívoro, isto é, alimenta-se de frutas e de carne. Largamente reproduzido em centros de piscicultura e, do seu cruzamento com o tambaqui, nasce o popular tambacu.

**Pirarucu** — Recebeu esse nome, que significa peixe vermelho em tupi, devido à sua coloração. É o maior peixe de escamas do Brasil, e é capaz de comer de tudo: camarões, tartarugas, cobras, seixos e plantas.

**Preguiça** — Mamífero que vive no alto das árvores, alimentando-se de suas folhas, frutos e brotos. Faz tudo muito devagar: suas reações, digestão e até respiração são muito lentas. Pode ficar horas na mesma posição.

**Quati** — Mamífero carnívoro. Seu pêlo é cinza-amarelado, com tons de preto e vermelho. Vive em bandos de jovens machos e fêmeas. Escava à procura de alimento, principalmente minhocas, insetos e frutas.

**Tamanduá** — Mamífero desdentado, passeia à procura de alimento até encontrar um cupinzeiro ou formigueiro. Cava com as fortes garras e mete o focinho no buraco, introduzindo a língua pegajosa para apanhar as formigas, e então recolhe a língua. Suas garras são também a sua defesa.

**Tatu** — Mamífero desdentado, parece um guerreiro medieval, por causa de sua carapaça. Cava túneis debaixo do solo, onde passa o dia inteiro. À noite, sai para caçar insetos e cobras venenosas, seu alimento preferido. Alimenta-se também de frutos e raízes.

**Tatu-canastra** — É o maior da espécie.



## NAQUELE DIA A FLORESTA ACORDOU ASSUSTADA!

Uma notícia de jornal alertava para o perigo de extinção que ameaça milhares de animais e de plantas.

Entendendo o risco que todos corriam, a *Turma da Mata* decidiu convocar uma grande assembléia para discutir o problema, e as crianças, sabendo do encontro, também resolveram participar.

Debateram o assunto por várias horas, e ao avaliar o papel que cada um desempenha na natureza, davam verdadeiras lições de como o equilíbrio do meio ambiente é importante para preservar a vida na Terra.

Na assembléia, a *Turma da Mata* e as crianças fizeram uma revisão da história do Brasil e descobriram como as matas, os bichos e o solo foram destruídos pelo homem, consumindo grande parte de nossa riqueza, sem preocupação com o futuro.

E agora? Estaria tudo perdido? Como podemos corrigir os erros do passado, garantir uma vida melhor para todos nós e zelar pelo nosso planeta?

